

INSINUAÇÕES DO CORPO: DA EXPERIÊNCIA DE MONITORIA A PESQUISA PESSOAL

LUKA DE VARGAS ROSA¹; MARTHA GOMES DE FREITAS²

Universidade Federal de Pelotas - lukadevargas@gmail.com¹

Universidade Federal de Pelotas - marthagofre@gmail.com²

1. INTRODUÇÃO

Esse texto relata a minha experiência como monitor na disciplina de Introdução à Escultura, ministrada pela professora e artista Martha Gofre durante o segundo semestre letivo de 2021¹, marcando um ponto de vista relacionado a minha própria prática como artista em formação. Neste período acompanhei a turma durante as aulas de forma híbrida, online e presenciais em ateliê no Centro de Artes. Pela produção dos alunos ser bastante ampla no conjunto de participantes da disciplina e, ao mesmo tempo, carregar questões singulares à cada um, apresentarei minha experiência de monitoria através de um trabalho específico de uma aluna. Para tanto vou articular algumas relações com uma obra de Félix González-Torres, artista cubano, e com a minha própria produção, associando as diferentes formas de suscitar o corpo e o íntimo.

2. METODOLOGIA

Começar nas disciplinas de Introdução, dentro da dinâmica do curso de Bacharelado em Artes Visuais, é para muitos dos alunos o momento em que se constrói um vocabulário visual, o lugar onde são apresentados a uma linguagem e seus procedimentos. Em Introdução à Escultura acompanhei duas fases da disciplina. Na primeira, quando é proposto um embasamento mais histórico, onde os alunos são confrontados com procedimentos que possam formar um repertório pessoal a ser consultado no momento de sua própria produção, nas práticas que envolvem a disciplina, segunda fase.

Com as atividades da faculdade acontecendo de forma híbrida no primeiro momento da monitoria, eu auxiliei a professora com questões mais técnicas, pesquisa e disponibilização de materiais online, além de expor e agregar à fala dos discentes quanto à leitura das obras. A atividade de monitoria em ateliê também compreende a participação em aula, ser ponte e gatilho de diálogos entre professor e alunos. É um modo de transpor algumas barreiras por estar num mesmo nível aluno-aluno, propondo uma conversa responsável e supervisionada, incrementando os processos de troca e amadurecimento.

Passada essa introdução mais histórica, a atividade de monitoria se diferencia das outras disciplinas. No ateliê desenvolvemos nossa poética através de nossas próprias escolhas, amadurecemos pelas descobertas que o trabalho pede, materiais, técnicas e procedimentos. E o professor-artista nos provoca pela exposição do que já foi feito anteriormente, alinhando com o que se faz no ateliê. Nesse ponto, a atuação como monitor converge em semelhança à assistência dos artistas. Cada trabalho é singular e exige mais ou menos da monitoria, pois cada

¹ Vale ressaltar que tive duas experiências como monitor voluntário em Introdução à Escultura. A primeira, integralmente remota em 2021/1 enquanto cursava a disciplina. E a segunda, em 2021/2 de forma híbrida, onde pude desenvolver de forma mais ampla esta atividade, comentada no presente texto.

um tem suas complexidades. Como julgo difícil relatar todas essas singularidades, escolhi para tratar neste texto apenas de um trabalho, uma vez que ele foi o que mais exigiu da minha experiência.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

“As minhas limitações são a matéria-prima a ser trabalhada enquanto não se atinge o objetivo.” (LISPECTOR, p. 17, 1999)

Essa frase presente no livro *Um sopro de Vida*, para mim, toca a atuação que desenvolvi como monitor. Estive presente para auxiliar nas investigações necessárias à prática, e destaco que, para o trabalho desta aluna foi preciso desenvolver um modo de capturar a forma de seu corpo, condizente com as sutilezas que ela previa. Utilizamos tecido de algodão endurecido com parafina (banhado em parafina líquida) e com uma fonte de calor, tornamos a parafina maleável novamente, diretamente sobre o seu corpo, possibilitando a apreensão da sua silhueta pelo tecido. A intenção era criar a figura de um corpo retraído, que não quer se expor. (Figura 1)



(Figura 1) **Vivian Parastchuk.** Sem título, 2022. Escultura. Tecido e parafina.

Seguindo a proposta dada, a aluna desejava abordar a questão do peso emocional. Na primeira tentativa, a intenção era modelar seu corpo sobre a superfície da cama. Na minha produção e na de outros artistas há essa vontade de rememorar o corpo sobre a cama, inclusive com materiais parecidos aos que a aluna propôs.

Então, quando me deparei com essas ideias para o trabalho junto com as limitações que elas traziam, eu tive a oportunidade de estabelecer as conexões entre os trabalhos que conheço, as obras de outros artistas, e os trabalhos que já fiz na minha pesquisa individual. Contribuindo assim, através da sugestão de outras formas de manipular os materiais escolhidos por ela. Vejamos um pouco deste percurso:

A primeira obra que trago aqui é de Félix González-Torres, que em 1992, espalhou a foto de sua cama em vinte e quatro outdoors pela cidade de Nova York (Figura 2).



(Figura 2) **Félix González-Torres**. Sem título, 1991. Outdoor-NY.

Essa ação trouxe para o espaço público um instante de intimidade do artista. Partindo do amassado dos lençóis é possível reconhecer a presença de duas pessoas momentos depois de se levantarem. Os tecidos deixam evidente um acontecimento que foi eternizado por uma fotografia. E essa história quem nos conta são as dobras, os lençóis, as fronhas, a cama e os travesseiros.

No texto disponível sobre o *Projeto 34* do MoMA o artista fala: "[Meu trabalho] é toda minha história pessoal, todas essas coisas... gênero e preferência sexual... não posso separar minha arte da minha vida". Entretanto, ao apresentar a ausência de pessoas, e sem um título que restringe à história do artista, a obra abrange a intimidade de todos.

Seguindo esse percurso de um corpo deitado, de um lugar que o revela, trago o trabalho que vinha desenvolvendo nesta mesma época, *Jogo de Cama* (Figura 3). Trata-se de um conjunto de objetos macios, seis peças de espuma recobertas com tecido - três peças cinzas e três peças brancas, de diferentes larguras, arranjadas duas a duas. Podendo ser recombinadas, criando uma nova composição.



(Figura 3) **Luka Vargas**. *Jogo de Cama*, 2021. Escultura. Espuma, fita e tecido.

Contextualizo esse trabalho através das palavras de Bachelard que nos diz: "É preciso estudar constantemente como a suave matéria da intimidade encontra, através da casa, sua forma, a forma que possuía quando encerrava um calor primeiro" (BACHELARD, 1993, p. 228)

No início, quando projetei o trabalho, me interessava algo que vinha de um abraço, mas que foi sendo potencializado a partir da compreensão de outros modos de aproximar e unir o corpo. Cada dupla de peças se estrutura a partir desse encontro que as formas macias possibilitam.

Jogo de cama, além de tratar das roupas de cama, da forma que nos referimos aos lençóis, também convoca as relações que se colocam neste lugar, tão bem evocadas no filme *La Cama*, em uma abordagem demorada e densa sobre o desencontro.

Pelo fato da cama ser esse espaço da casa que demarca acontecimentos muito particulares de uma vida a dois, resolvi, partindo da materialidade, das pregas do tecido, da maciez das espumas, propor a possibilidade de uma fabulação que agrega então ambigamente o que é objeto, aproximando-se do que é corpo, em um contexto de intimidade.

4. CONCLUSÕES

A atividade de monitoria foi bastante importante para reforçar alguns vínculos entre as produções no ateliê. Ela permitiu o deslocamento de minha prática pessoal a fim de contribuir junto do trabalho dos colegas, revendo obras de referência. Auxiliar numa produção que se distancia um pouco da sua própria prática, proporciona um adensamento nas discussões que envolvem o trabalho do aluno e reverberam, neste caso, no do monitor.

Essas diferentes abordagens para ocasionar a presença do corpo no trabalho podem ser mais ou menos sutis. Se Lispector nos propõe as limitações como forma de seguir a busca, percebo que um imaginário estimulado pelos vestígios do que passa pela maciez, pelo textil, pelo reconhecimento dos espaços de intimidade, permitem o encontro com o corpo.

Quando olho para o trabalho desenvolvido na atividade de monitoria, percebo que nele se faz presente o molde do próprio corpo que esteve ali, o registro guardado pelo tecido enrijecido com as marcas de alguém.

Já no outdoor de González-Torres, me debruço sobre o amarrrotado dos lençóis, sobre o fundo nos travesseiros, artefatos que estiveram em contato com o corpo e se conformaram revelando vestígios do casal.

Em *Jogo de Cama*, por outro lado, o corpo sequer foi parte do processo, trago para estes objetos nuances de um lugar de intimidade, que convida o toque, que se apresenta entre o colchão e a coberta. Vejo que a destituição da representação através das insinuações do corpo pelo uso dos materiais macios, possibilitam uma aproximação com uma leitura tátil dos trabalhos, ampliando o limite dos sentidos.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

UMLAND, A. **Projects 34 : Felix Gonzalez-Torres** . 1992. New York: The Museum of Modern Art. Acessado em 21 de ago. de 2022. Online. Disponível em: https://www.moma.org/documents/moma_catalogue_368_300063058.pdf

LISPECTOR, C. *Um sopro de vida*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

LA Cama. Direção: Mónica Lairana. Produção: Rioabajo, Gema Films. Argentina: Livre Filmes, 2018. Online (94min).